
**OS TERENA DE BURITI:
FORMAS ORGANIZACIONAIS,
TERRITORIALIZAÇÃO E REPRESENTAÇÃO
DA IDENTIDADE ÉTNICA**

PEREIRA, Levi Marques. 2009. Os Terena de Buriti: formas organizacionais, territorialização e representação da identidade étnica. Dourados: Editora UFGD. 170p.

Falar e escrever sobre os Terena é recuperar um importante capítulo da história da antropologia brasileira, como certa vez ponderou Roberto Cardoso de Oliveira (2002). Os Terena, representantes mais meridionais dos povos de língua e cultura aruaque no Brasil, aparecem na literatura antropológica especializada a partir do final dos anos 40, embora os relatos de cronistas, literatos e viajantes sejam anteriores a este período. A primeira grande referência que se tem dos Terena, esta anterior ao século XX, dá conta da sofisticação agrícola e da disposição à convivialidade e ao associativismo com os povos que lhes são estrangeiros, atributos coextensivos à estrutura social indígena.

A literatura e a própria oralidade indígena sugerem que no passado os Terena teriam se confederado aos agueridos Guaicurú, a fim evitar as invasões inimigas às aldeias e o saque dos roçados. Em troca de proteção militar os Terena, que se autodenominam *Poké'e* (gente da terra), abasteciam os Guaicurú com mandioca, milho e outros produtos da lavoura. Sensível a essas características, que aliás são anteriores ao evento do contato, é possível até mesmo avistar, ainda que a título de hipótese, o interesse dos Terena pelo mundo dos brancos como uma transformação estrutural, embora não seja esse o propósito de *Os Terena de Buriti*.

O Livro *Os Terena de Buriti*, do etnólogo Levi Pereira, recupera as reflexões de um trabalho de investigação pericial desenvolvido na Terra Indígena Buriti em razão de litígio fundiário envolvendo um coletivo Terena. Trata-se de uma tentativa de revisão do produto etnográfico do autor que, em parceria com o historiador Jorge Eremites de Oliveira, visitou aldeias Terena localizadas nos municípios de Sidrolândia e Dois Irmão do Buriti, Mato Grosso do Sul. Dividido em cinco capítulos, este livro se inclui de modo muito bem vindo a um “movimento de renovação na etnografia Terena” (p. 32).

No capítulo inicial, Pereira realiza uma breve revisão bibliográfica das principais etnografias sobre os Terena, enfatizando os trabalhos de Kalervo Oberg e de Roberto Cardoso de Oliveira. O autor aponta as principais lacunas deixadas pelos clássicos, dentre elas a inclusão dos Terena na rede de povos de língua e cultura aruaque, e a descrição adequada da organização social e da sociocosmologia indígena, tópicos ofuscados pelos temas de aculturação e mudança cultural. Na segunda parte, realiza uma crítica à hipótese sustentada pelos clássicos que inadmite a presença Terena na região como fato anterior ao século XIX.

O segundo capítulo se destaca pela crítica nativa ao conceito ocidental de aldeia, cujo debate recai sobre o conceito Terena de *tronco*. Inspirado na crítica do material melanésio ao problema geral dos conceitos proposta por Strathern (1988), e auxiliado pelo método genealógico de Rivers, Pereira sugere que a aldeia aparece como uma configuração de troncos. O tronco é uma clara expressão da chefia hereditária. O tronco, ou *kurú*, se aplica a uma parentela bilateral reunida por relações de consangüinidade em torno do *Big Man*, e cuja relação com outros troncos configura uma aldeia.

O terceiro capítulo, o mais importante do livro, ou pelo menos o mais citado, é apresentado pelo autor como um “ensaio exploratório” (p. 85) sobre os componentes essenciais do *ethos* Terena. Pereira sugere que os Terena possuem uma “feição típica, facilmente identificável pelos integrantes desse

grupo étnico” (p. 83), cuja explicação se daria fora do paradigma interétnico. A inclinação à flexibilização e adaptação frente a outras socialidades e outros atributos relacionados a uma estética social do cotidiano, para lembrar Joanna Overring (1999), explica a primazia da convivialidade e diplomacia sobre a predação e o conflito enquanto princípios básicos de ordenamento da vida social.

A inspiração para a formulação do conceito de *ethos* curiosamente não procede de Gregory Bateson (1958), mas do sociólogo Norbert Elias e seus estudos sobre a sociedade de corte francesa. Pereira sugere que a “formação social” dos Terena (hospitalidade, cordialidade, fino trato, maneira amena de falar) se aproxima, enquanto tipologia, da sociedade de corte (p. 96). O conjunto desses componentes daria forma ao *ethos*, cujo lócus estaria no plano do gesto e da etiqueta (p. 103).

O quarto capítulo também explora outro tema de fundamental importância: a relação com a exterioridade. Os Terena nunca negaram o interesse por uma vida integrada ao mundo dos brancos, fato que chamou a atenção de muitos antropólogos interessados nos paradigmas de aculturação. Mais uma vez Pereira se afasta dessas formulações, buscando possíveis respostas não na nação, mas no mundo vivido indígena. O autor nos remete às redes de relações mantidas com os Guai-curú no Chaco, para mostrar que a facilidade dos Terena em contrair boas relações com o exterior é anterior ao contato com os brancos, e que por isso não se explica apenas por esta via.

O quinto capítulo atende a dois grandes debates: a construção da identidade em cenário interétnico, e a socio-cosmologia indígena. A primeira parte fica por conta de uma reflexão sobre o problema da tradição a partir do contexto da modernidade. Mas o ponto forte do capítulo se concentra na segunda parte, onde o autor recupera importantes elementos da sociocosmologia Terena. O discurso de Dona Senhorinha, uma especialista religiosa, revela uma sofisticada cosmologia povoada pelos *Natiacha* [*naati*: chefe; *acha*: mato], uma categoria de seres espirituais que gerenciam a caça e a relação com

o animal, uma interessante teoria indígena da natureza e da cultura infelizmente ainda pouco explorada pelos etnólogos.

Os Terena de Buriti é antes de tudo sensível ao mundo vivido indígena. Sem dúvida um importante incentivo para a nova etnologia Terena, cujo foco tem se voltado cada vez mais para temas pouco explorados pelos clássicos, tais como a noção de pessoa, a onomástica, o parentesco e a produção dos corpos e das substâncias. À guisa de conclusão, entretanto sem a pretensão de esgotar o assunto, saliento que além de contribuição à etnologia sul americana, *Os Terena de Buriti* é também boa literatura. O leitor encontrará não apenas importantes *insights*, mas também o rigor e a sensibilidade do trabalho de um etnólogo bem (in)formado.

Referências

BATESON, Gregory. Naven. California: Stanford University Press, 1958.

OLIVEIRA, Roberto Cardoso de. Os Diários e suas Margens: viagem aos territórios Terêna e Tükúna. Brasília: Ed. da UnB, 2002.

OVERING, Joanna. Elogio do Cotidiano: a confiança e a arte da vida social em uma comunidade amazônica. *Mana*, Rio de Janeiro, v. 5, n. 1, 1999.

STRATHERN, Marilyn. *The Gender of the Gift: problems with women and problems with society in Melanesia*. Berkeley: University of California Press, 1988.

PATRIK THAMES FRANCO

Mestre em Antropologia Social pela Universidade de Brasília